

INFORMATIVO IJ

JULHO



- Crise de Estiagem e Incêndios Florestais na Amazônia

- Orgulho, diversidade e resiliência: Jovens LGBTQIAPN+ celebram e compartilham suas vivências no Médio Juruá



Crise de Estiagem e Incêndios Florestais na Amazônia

Um manifesto em apoio às reivindicações do IBAMA e ICMBio, imprescindíveis à proteção das nossas florestas e demais ecossistemas.

Por Camila Duarte e Maria Cunha

No último ano, a Amazônia enfrentou uma das secas mais intensas já registradas. Por exemplo, no Amazonas, o estado mais úmido do Brasil, todos os 62 municípios amazonenses foram afetados pela seca e, segundo a Defesa Civil do Estado, a estiagem atingiu diretamente mais de 600 mil pessoas. Em setembro de 2023, [a Amazônia registrou o maior pico de incêndios desde 2007, com 14.839 focos na floresta, resultando em uma média impressionante de 2.968 focos diários, equivalente a dois novos focos a cada minuto.](#) A cidade de Manaus ficou coberta por fumaça cinza, reduzindo a qualidade do ar e afetando a saúde da população.



A crise climática agravou a situação no Amazonas, isolando cidades pela seca dos rios e impactando principalmente as famílias que dependem da agricultura, comunidades ribeirinhas e indígenas. A seca e o aumento da temperatura das águas estão associados à morte de animais aquáticos e terrestres, ameaçando a biodiversidade e colocando as pessoas em risco.

Apesar do fenômeno El Niño intensificar a estiagem na Amazônia devido ao aumento das temperaturas do Oceano Pacífico, o desmatamento causado pela agropecuária é apontado como a principal causa, segundo o [Imazon](#). Um [estudo do MapBiomas](#) revelou que a Amazônia é atualmente o bioma com maior área de pastagens no Brasil, resultado do desmatamento associado às queimadas.

A combinação de desmatamento e mudanças climáticas têm reduzido a capacidade da floresta de reter umidade, contribuindo com esses períodos de seca mais prolongados. Esses períodos, não só ameaçam a flora e fauna, mas também aumentam o risco de incêndios florestais, que destroem grandes áreas de floresta.

A seca na Amazônia é um problema complexo que exige uma abordagem integrada. Nesse contexto, os órgãos ambientais desempenham ações fundamentais no combate a esses problemas, pois atuam em diversas frentes, desde a pesquisa e monitoramento até a regulação e proteção de áreas naturais. Valorizar e fortalecer tais órgãos é essencial para garantir a preservação desse bioma vital e para mitigar os impactos das mudanças climáticas. Ações coordenadas e investimentos contínuos também são necessários.

A queima de grandes áreas florestais libera enormes quantidades de dióxido de carbono (CO₂) e outros gases de efeito estufa na atmosfera, contribuindo significativamente para o aquecimento global. A Amazônia, que atua como um importante sumidouro de carbono, perde essa função quando é destruída pelo fogo. A fumaça dos incêndios causa sérios problemas respiratórios e outras doenças nas populações locais. Além disso, a poluição do ar pode se espalhar para áreas distantes, afetando a saúde pública em uma escala regional.

As comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas dependem da floresta para seus modos de ser e agir. A destruição de suas terras e a falta de água causada pela estiagem forçam essas comunidades a enfrentarem desafios econômicos e sociais significativos.

Enfrentamos uma crise ambiental que requer ações urgentes, que incluem:

1. Fortalecer políticas que promovam a redução do desmatamento, protejam áreas florestais e incentivem práticas agroextrativistas sustentáveis;
2. Investir em pesquisa para entender melhor os padrões climáticos e os impactos da seca, bem como em sistemas de monitoramento, que podem melhorar a capacidade de prever e responder a eventos de secas e cheias;
3. Valorizar os órgãos ambientais e seus servidores, que fiscalizam e protegem nossos ecossistemas, como o IBAMA e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

A seca na Amazônia é um alerta claro da urgência em agir e adotar medidas que conciliam desenvolvimento socioeconômico com a conservação ambiental, assegurando, assim, a resiliência da floresta amazônica e o bem estar de suas populações. O corrente ano terá um evento climático atípico e severo, destacando a necessidade de ações coordenadas para enfrentar a crise que se aproxima. O nível do rio Negro está abaixo da cheia de 2023, indicando a gravidade da situação. Os eventos passados nos mostraram que ações integradas são cruciais para enfrentar os desafios impostos pela seca para traçar estratégias eficazes de proteção da floresta frente às mudanças climáticas.

O Instituto Juruá reforça a importância de tais medidas e declara seu apoio às reivindicações do IBAMA e ICMBio, imprescindíveis à proteção das nossas florestas e demais ecossistemas.

ORGULHO, DIVERSIDADE E RESILIÊNCIA: JOVENS LGBTQIAPN+ CELEBRAM E COMPARTILHAM SUAS VIVÊNCIAS NO MÉDIO JURUÁ

Ativistas da comunidade queer da região refletem sobre a luta por aceitação e a importância da educação na valorização da diversidade sexual e de gênero

Por Julian Santiago* e Lívia Cruz*

“Cresci em uma comunidade tradicional onde a informação sobre sexualidade era inexistente. Sem compreender as mudanças em meu corpo, sentia-me como um erro, sufocando lentamente a cada dia” (Rodrigo Carmino, morador da comunidade Roque na Resex Médio Juruá, 27 anos, estudante de pedagogia na UEA - Universidade do Estado do Amazonas).

Em junho, mês do orgulho, celebramos a comunidade LGBTQIAPN+ do Juruá, da Amazônia, do Brasil e do mundo! Esse mês é uma oportunidade para festejar a multiplicidade da vida, as possibilidades infinitas de viver bem e feliz.

Como iniciativa do grupo de pesquisa em Gênero e Cadeias de Va-

lor, aconteceu no dia 20 de junho uma conversa online sobre esta temática, facilitada por Dri Moraes, pessoa trans masculina, biólogo e artista, que vem trabalhando na Amazônia há alguns anos. A conversa abriu espaço para que jovens de Carauari e das comunidades do Médio Juruá partilhassem suas vivências. Após esse momento de partilhas, recebemos depoimentos de jovens integrantes da comunidade queer, entendendo que o dia do Orgulho LGBTQIAPN+ é mais que um dia de celebração; é um dia para afirmação e reafirmação de identidades de milhões de pessoas ao redor do mundo, e que nas comunidades ribeirinhas do território Médio Juruá esse dia não é diferente.

Para Rodrigo Carmino é um dia de refletir sobre a luta de vários outros, outras e outres que lutaram para que hoje ele pudesse celebrar. Em depoimento, ele descreve as dificuldades de lidar de forma solitária com o seu processo de aceitação, visto que o tabu existente nas comunidades ribeirinhas o impedia de compartilhar seus anseios e angústias com seus pais e amigos, por medo das reações negativas.

“Ser gay nesse contexto foi um desafio imenso, pois não sabia como lidar com meus pais e enfrentava forte julgamento e discriminação por parte dos moradores locais. Um turbilhão de emoções me mantinha constantemente em alerta, permeado pelo medo. Mesmo diante dos desafios em uma sociedade de comunidade tradicional regida pelo patriarcado e a heteronormatividade que nem sempre compreende ou aceita plenamente a diversidade sexual e de gênero, abraço minha identidade com gratidão e determinação”

Atualmente, Rodrigo é colaborador da AS-PROC e está na reta final do curso de Pedagogia no Campo, no qual tem direcionado seus esforços para compreender a história e fortalecer a luta da comunidade queer da Amazônia, por meio da educação.

“Tenho orgulho de ser exatamente como sou, isso reflete na minha autenticidade e na minha capacidade de viver verdadeiramente. Celebrar minha identidade LGBTQIAPN+ é também honrar a coragem de tantos outros que lutam pela aceitação e respeito diariamente. Essa consciência e orgulho fortalecem-me e conectam-me a uma comunidade vibrante e resiliente, onde posso ser completamente eu mesmo.”, afirma Rodrigo.



Foto: Rodrigo Carmino

Outros jovens do território compartilham experiências semelhantes. Uma trajetória de luta por aceitação e coragem para ser quem se é, representa uma abertura de caminhos para aqueles/las/lus que ainda virão. Por exemplo, Alice Silva, mulher bissexual, de 25 anos de idade, e também moradora da comunidade Roque, nos contou: *“Gosto de ser quem sou. Hoje eu sou muito bem resolvida quanto a minha sexualidade. Mas nem sempre foi assim”*.

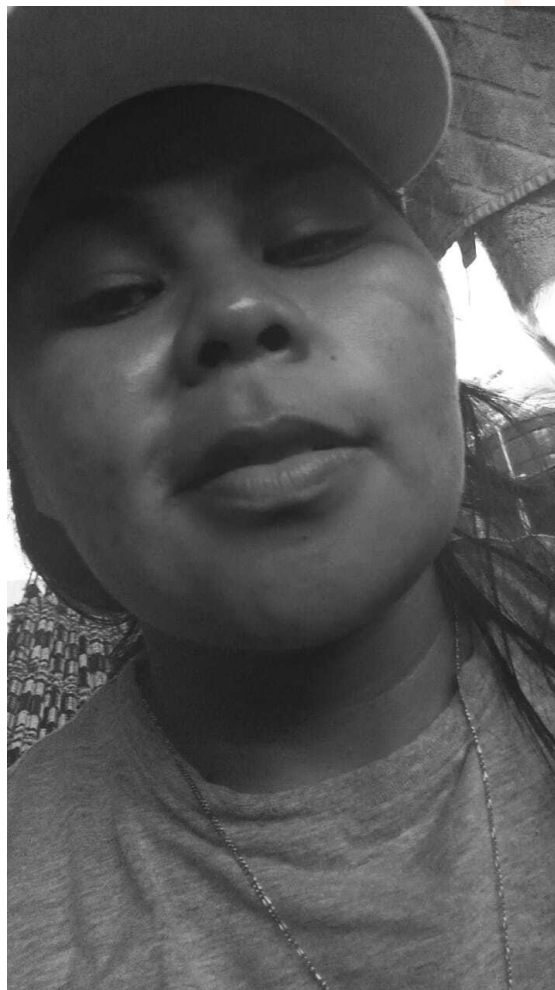


Foto: Alice Silva

O estudante de Pedagogia do Campo, Antonio Carmino, conhecido como Babau, de 26 anos, afirmou que *"Ao assumir a nossa identidade gay, estamos reafirmando a nossa humanidade e demandando respeito por nossa dignidade e direitos. É um ato de coragem e amor próprio, que nos permite viver plena e autenticamente, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva, justa e acolhedora para todos."*

Como mencionado por Babau, a garantia da liberdade de ser quem se é, é indispensável para a construção de sociedades justas e inclusivas. Para nós, isso perpassa a inclusão das vozes LGBTQIAPN+ nos espaços de decisão no território e na escuta e acolhimento de suas perspectivas e experiências de vida.

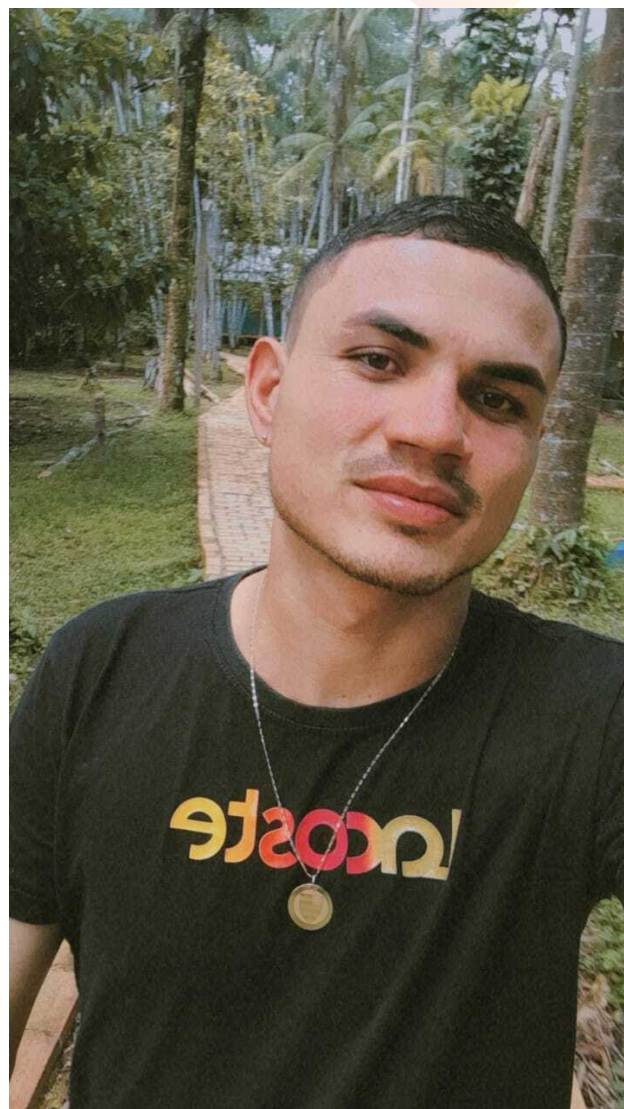


Foto: Antonio Carmino (conhecido como Babau)

Nesse sentido, Fabrício Carvalho (21 anos), estudante de Tecnologia em Gestão de Turismo que também cresceu na comunidade do Roque, relata que: *“Desde cedo percebi que minha orientação sexual era diferente. Enfrentei desafios de aceitação devido à valorização da masculinidade na cultura local, apesar dos comentários jocosos, consegui encontrar apoio entre meus amigos e familiares. Aprendi a valorizar minha identidade como parte da rica diversidade da comunidade, apesar das dificuldades enfrentadas pela falta de compreensão generalizada.”*



Foto: Fabrício Carvalho

Em outro depoimento compartilhado com o Instituto Juruá, Nayane Figueiredo (17 anos) compartilha a seguinte mensagem: *“Por mais que o mundo diga não, seja você e assuma sua identidade. Se você acha que a identidade de gênero ou a sexualidade de outra pessoa é por ser diferente da sua, você não entendeu nada sobre o que é ser humano. A diversidade é uma força, não uma fraqueza, não há espaço para LGBTfobia em uma sociedade justa e igualitária. Queremos ser vistos como pessoas e não como categorias. Assumir a homossexualidade é uma decisão que requer coragem, que se possa enfrentar com determinação, força, segurança e equilíbrio o preconceito e a homofobia”*, exclamou a jovem mulher lésbica da comunidade São Raimundo.



Foto: Nayane Figueiredo

Apesar de algumas conquistas, a luta por valorização, respeito e escuta dentro território ainda é contínua. É necessário entender que a luta da população queer é uma luta de todos, e isso é possível mediante educação e conscientização sobre as questões de gênero e sexualidade. Uma educação que respeite a diversidade de pensamentos/sentires, e que dê visibilidade às diversas possibilidades de interação com a natureza e importância de valorizar e escutar essa diversidade para manter um equilíbrio com a diversidade biocultural.

Sobre os autores:

***Julian** é homem cis gay, graduado em engenharia civil e estudante de direito. Cresceu em Carauari, Amazonas. Atua como colaborador da Associação de Mulheres do Médio Juruá e é voluntário do Instituto Juruá desde 2023.

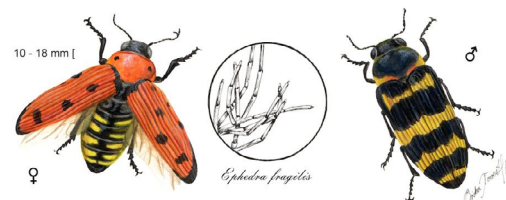
***Lívia Cruz** é mulher cis pansexual, cresceu no sul de Minas Gerais, é doutoranda em Biologia e Sociedade e pesquisadora colaboradora do Instituto Juruá desde 2021.

ij INDICA

1.

[“Nada é mais queer que a natureza”](#)

Entrevista com Brigitte Baptiste, publicada em Abril de 2019, na Humboldt, a revista digital cultural do Goethe-Institut na América do Sul.



2.

[A ciência é para todos](#)

Episódio #5 do podcast Ciência Suja, sobre conhecimento científico e saberes tradicionais. O Ciência Suja é um projeto de jornalismo independente, com apurações aprofundadas, roteiro cuidadoso e uma temática delicada, que incomoda muitos negacionistas científicos e corporações.



3.

[“Faroeste carbono”](#)

Série de 3 episódios sobre Crédito de Carbono do podcast investigativo “Prato Cheio”, realizado pelo O Joio e O Trigo, veículo independente de jornalismo.





Equipe de comunicação do Instituto Juruá

Nathália Messina, Raphael Chicayban, Maria Cunha, Camila Duarte Ritter e Eduardo von Mühlen

Equipe de tradução do Instituto Juruá

Raquel Sian Varallo, Fernanda Diel, Laiane Lessa e Bruna Favaro

Diagramação

Mariana Bastos